

JUNIOR SECONDARY CERTIFICATE

PORTUGUESE FIRST LANGUAGE

1112/1

PAPER 1 Reading and Directed Writing

2 hours

Marks 60

2018

Additional Material: Answer Book

INSTRUCTIONS AND INFORMATION TO CANDIDATES

- Write your answers in the Answer Book provided.
- Write your Candidate Number and Name in the spaces on the Answer Book.
- Write in dark blue or black pen.
- Do not use correction fluid.

- Answer **all** questions.

- You should pay attention to spelling, punctuation and sentence structure.
- The number of marks is given in brackets [] at the end of each question or part question.

This document consists of **8** printed pages.



Republic of Namibia

MINISTRY OF EDUCATION, ARTS AND CULTURE

PARTE I

Lê atentamente o texto e responde a todas as perguntas. Lembra-te que para dares uma boa resposta necessitas de entender tanto o texto como as perguntas.

O MENINO QUE FAZIA VERSOS

- *Ele escreve versos!*

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

- *Há antecedentes na família?*

- *Desculpe, doutor?*

O médico destrocou-se por tintins, Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava-a bem, nunca lhe batera mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noites de núpcias:

- *Serafina, você hoje cheira à óleo castrol.*

Ela hoje até se comove com a comparação. Sim, perfume de igual qualidade qual outra mulher pode sequer sonhar? Pobres que fossem os dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, resto de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e a escola do miúdo. Mas eis que começam a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

- *São meus versos, sim.*

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto? Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então ele que fosse examinado.

- *O médico que faça revisão geral, parte*

mecânica, parte eléctrica.

Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões, e sobretudo lhe espreitassem o nível do óleo da figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era por cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

- *Dói-te alguma coisa ?*
- *Dói-me a vida, doutor.*

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: está a ver, doutor? está a ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

- *E o que fazes quando te assaltam essas dores?*
- *O que melhor sei fazer, excelência, é sonhar.*

Serafina voltou à carga e sapateou a nuca do filho. Não lembrava o que pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, porquê? Perto o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim receio de sonho. E riu-se acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o riso. Custava crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele modéstia apartada, já inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

- *Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.*

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali acatava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte foram os últimos a serem atendidos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso mais versos? O menino não entendeu.

- *Não continuas a escrever?*
- *Isso que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho esse pedaço de vida – disse, apontando um novo caderninho – quase a meio.*

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

- *Não temos dinheiro, fungou a mãe entre soluços.*
- *Não importa, respondeu o doutor.*

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica que o menino seria sujeito a devido tratamento.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto de internamento do menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração.

(Mia Couto, in Pública 29/09/2003)

O texto continua na segunda parte do exame

Completa as afirmações de **1** a **6** escrevendo na tua folha de respostas a letra correspondente à resposta certa (**A, B, C** ou **D**).

- 1** O menino escrevia verso.
- A** Porque tinha uma avaria mecânica.
 - B** Porque alguma coisa estranha tomava conta dele.
 - C** Porque tinha dom de exercitar a alma e exteriorizar os sentimentos.
 - D** Porque eram muito pobres. [1]
- 2** O pai do menino era:
- A** Muito severo.
 - B** Muito conservador.
 - C** Muito atencioso.
 - D** Muito alheio as coisas abstratas. [1]
- 3** A preocupação dos pais menino deve-se:
- A** Ao amor que têm do filho.
 - B** Ao sonho que ostentam em relação ao futuro do filho.
 - C** O desconhecimento sobre o que a poesia representa.
 - D** A vergonha de ter um filho poeta. [1]
- 4** O médico internou o menino porque.
- A** O caso era extremamente grave.
 - B** Porque precisava saber mais sobre o menino.
 - C** Porque o menino representava uma grande ameaça.
 - D** Porque estava impressionado com a genialidade do menino. [1]
- 5** Médico conseguiu:
- A** Resolver o problema clínico do menino.
 - B** Agradar os pais do menino.
 - C** Ter o menino por perto e beneficiar da sua arte.
 - D** Convencer o menino a não voltar a escrever. [1]
- 6** O pai do menino precisava saber que:
- A** Que a arte era boa enquanto alimento da alma.
 - B** Que o menino era anormal.
 - C** Que o filho esta perdido.
 - D** Que o mundo era apenas para os homens de pensamento concreto. [1]

[6]

Indica na tua folha de respostas, se as três afirmações que se seguem, nos números 7,8 e 9, são verdadeiras (V) ou falsas (F).

		V	F	
7	O pai do menino era muito distraído em relação as habilidades do filho.			[1]
8	A mãe do menino era cegamente submissa aos dogmas do marido.			[1]
9	O médico era por excelência uma má pessoa.			[1]

[3]

Segundo o texto, faz corresponder as palavras da coluna **A** com os respectivos significados da coluna **B**.

Coluna A		Coluna B		
10	Médico era	(a)	aceitava tudo que o médico dizia.	[1]
11	O rapáz era	(b)	um génio em poesia.	[1]
12	A mãe	(c)	muito inteligente.	[1]

[3]

Responde as perguntas **13**, **14** e **15** na tua folha de respostas. Presta atenção não só o que respondes mas também à linguagem utilizada.

13 Quais são as personagens principais deste conto. [2]

14 Explique que tipo de vida é que a família do menino levava. [3]

15 Na sua opinião qual devia ter sido o comportamento dos pais do menino que escrevia poema. Argumente com elementos claros a tua resposta. [3]

[8]

[20]

PARTE 2

Lê com atenção o texto que se segue e responde às perguntas **16** e **21**.

ESCREVE À MARTA

“André,

Sou uma precipitada – não precisas de mo repetir. Daqui em diante, contarei até dez antes de assentar num juízo que me apaixone e aguardar uma semana ou duas antes de registá-lo no papel. Com estes pequenos mas custosos artifícios (truques, truques) talvez pouco a pouco domestique os meus impetus, que, em regra, dão para o torto. E talvez acabe por aceitar um freio nos dentes, desde que lhe deixem uma certa folga... Serenidade é que não. E por falar de serenidade: há a dos lagos e há a dos mares. Esta é sempre relativa. As “correntes” que me percorrem não podem amansar totalmente – seria um milagre, e eu não acredito em milagres.

Portanto, contrariamente ao que afirmei a pés juntos, cá estou a escrever-te. O tempo pôs um pouco de ordem na minha pobre cabeça e cheguei a esta conclusão: é-me insuportável a ideia de um silêncio-deserto entre nós. Não pode ser. Não se pode deitar uma pazada de cinza sobre uma coisa viva – que caminho percorrido desde o nosso primeiro encontro, André! Que cabotina era aquela pintora, cujo nome esqueci. Que imbecil eu fui em querer imitá-la e tu, meu farsante, em querer armar em femmeeiro! Foste, naquele dia e nos outros, uma caricatura – tu, meu homem doce e amargo.

Estou, pois, de acordo contigo: é preferível uma desesperante verdade a uma repugnante mentira, mas aqui a verdade é o que está dentro de mim. E essa verdade quer viver e fazer-se ouvir. Nenhum de nós aceitaria a degradação de uma mentira formalizada, cobrindo-nos como uma segunda pele que aos poucos nos penetra e habita, mas também não posso admitir o crime de estrangular a verdade só porque o seu grito é clandestino.

O que quero eu, afinal, André? Se o soubesse ou se optasse por uma resposta suficientemente definitiva para ser suficientemente pacificadora! O deverá verdadeiramente importar-nos? A estima, talvez, uma certa maneira de dizer ternura.

O amor é uma palavra gasta e deformada que exprime uma data de coisas; ou antes, uma data de coisas serve para exprimir amor – e, entre elas, a palavra afecto. Coisas de eu preciso. De ternura, de estima. Do teu afecto. Chama-lhe amizade, se preferires. Preciso de ti para me dar, pedindo muito pouco em troca. A vida tem-me ensinado a ser humilde e pequenina, a aceitar somente o que ela decide conceder. Tu, não – para ti tudo tem de ser imenso, ou nada. Por mim, creio que le bonheur não passa de algumas horas boas que os deuses concedem aos míseros mortais que nós somos. A plenitude não a vejo deste mundo e também não sei de onde sera. E há ainda essa imutável lei da vida humana que a todo o instante nos declara e demonstra que uma alegria, mesmo pequenina, se paga com uma dor. Às vezes, muitas dores para uma só alegria.

Quando tiveres um pouco de tempo livre escreve à Marta.

P.S. – Se eu fosse fada ou feiticeira, tivesse uma varinha mágica ou dons extraordinários, enviar-te-ia hoje o brilho de uma estrela, o perfume da minha rosa preferida, o cantar do rouxinol, a frescura de um prado. Faz hoje exactamente quatro anos que te conheci.

Marta”.

(Fernando Namora, Rio Triste)

Depois de teres lido o texto responde em linguagem cuidada às seguintes perguntas:

- 16** Nesta missiva, Marta vai delineando a sua personalidade. Ela também faz o retrato psicológico de André.
- (a) Faz o retrato psicológico de Marta. [2]
- (b) Faz o retrato psicológico de André. [2]
- 17** Em poucas palavras explique o que é que a autora queria dizer ao afirmar: “O amor é uma palavra gasta e deformada que exprime uma data de coisas, ou antes, uma data de coisas serve para exprimir o amor.” [3]
- 18** Marta manifesta o desejo de oferecer algo a André.
- (a) Por que razão? [2]
- (b) Consideras que as prendas citadas são usuais? [1]
- (c) Que poderão revelar da personagem? [3]
- 19** Indica a função da carta para o emissor, neste caso Marta. [3]
- 20** Como consideras a atitude de Marta em tomar a iniciativa de escrever esta missiva?
Caso te encontrasse na posição dela, serias capaz de fazer o mesmo? [4]
[20]
- 21** “Quando tiveres um pouco de tempo livre, escreve à Marta.”
És o André. Redige (escreve) uma possível resposta à carta de Marta.
[20]
[40]